

0

Dragão

e os pássaros enfurnados  
rodrigo marques

**Marcela Magalhães / Prefácio**

Refiz este prefácio diversas vezes. A demora foi devido a duas grandes responsabilidades: escrever sobre duas pessoas a quem se admira tanto como o Rodrigo Marques e o Chico da Silva. Assim, este texto não poderia ser técnico, mas somente escrito como alguém que um dia teve a possibilidade de se aproximar do outro e dividir sonhos ao ouvido, sob um céu estrelado como aquele do Sertão.

Conheci o Rodrigo quando eu tinha 17 anos. Era meu professor de literatura, em um projeto social na Faculdade de Direito, em Fortaleza. Viramos grandes amigos. Dentro daquele coração imenso, cabia tardes inteiras de Literaturas, uma praça gigante de Catedral com a gente tomando sorvete, às vezes na 13 de Maio, às vezes na Sede do Seu Juarez. Um mar infinito que só servia para produzir uma beleza exclusiva para nós, enquanto Rodrigo me levava para ouvir a avó, ver seus bordados. A pintura da mãe. O artesanato do pai. Tudo poesia. E cores. E tanto, tanto encantamento. A paixão. Entrelaçamentos.

Foram assim que nasceram os textos: meu, dele e nossos.

Rodrigo Marques é um daqueles escritores que não se contentam com a superfície das palavras. Há, nos textos dele, uma explosão sinestésica, carregada de uma perspicácia aguda de um humor tão natural como daqueles personagens que crescem na nossa terra. A sua prosa poética é tão forte e colorida que não seria surpresa imaginar que, cedo ou tarde, ele criaria histórias ilustradas de pintores famosos, nativos, comprometidos e brilhantes como ele: Chico da Silva.

Chico da Silva era uma força da natureza. Descendente de uma cearense e um índio da Amazônia peruana, representa toda a exuberância natural de uma brasilidade quase rupestre. Porém, ilustrar com palavras uma história de um homem excepcional pode ser um desafio, mas que Rodrigo cumpre com maestria sem perder a delicadeza. Como leitora, deparei-me com um texto encantador.

A família de Chico da Silva embarcou para o Ceará, em 1934, indo morar em Fortaleza. Chico consertava sapatos e guarda-chuvas. Fazia fogareiros de lata para vender. Desenhava pelos muros da cidade com carvão e giz. Era a expressão verdadeira do sentipensar, como lembrado por Eduardo Galeano e Saturnino de la Torre. Sim, Chico é o exemplo de teoria autopoiética que fundamenta a construção interativa entre pensar e sentir. Era autodidata e a sua grande consistência epistemológica era capaz de conciliar a construção do conhecimento ancestral e a maneira na qual a vida acontecia.

O trabalho de Chico da Silva foi depois impulsionado pelo pintor suíço Jean-Pierre Chabloz, que notou um desses graffitis, em meados da década de 1950 na praia do Pirambu, uma comunidade pobre de Fortaleza. Naquele momento

aconteceu algo mágico que só acontece quando o talento encontra uma oportunidade: o trabalho de Chico “saiu” das paredes e muros do bairro e foi para outros museus pelo mundo. Depois de aprender as técnicas de guache e óleo, os trabalhos de Chico foram expostos em cidades como Rio de Janeiro e em outros países como Suíça e Itália. Em 1966, o pintor recebeu menção honrosa na XXXIII Bienal de Veneza. Mas isso é tudo muito formal.

No texto a seguir, o leitor vai ter a oportunidade de encontrar um Chico íntimo. Do jeitinho caseiro dele, quando a cidade em si já era ela mesma uma única possível casa. Com seus animais entrando e saindo de quadros e paredes, enquanto as crianças se movimentam para preencher o dia. Sim, pois, como escreve Rodrigo, “Chico é um nome, um homem descalço, uma paisagem que o mar se debate quando os carros passam...”

Um oceano brilhante, simples e intenso. Como ele, como o Rodrigo.

**Roberto Galvão** / em *Chico da Silva: um universo  
em três dimensões.*





“Chico da Silva nasceu no Alto Tejo, no Acre, em 1910 segundo a sua carteira de identidade; 1914 ou 1916, segundo me informou em entrevistas; ou 1922 ou 1923, por dedução de Estrigas; o certo é que não se sabe corretamente, porque como diz o artista francês Jean Pierre Chabloz, seu descobridor: “em matéria de idade, é impossível qualquer precisão com relação a esses felizes pássaros errantes que, na maioria das vezes, não têm nem mesmo registro civil. E não perdem nada com isso”. Ainda criança transferiu-se para a terra natal de sua mãe, passando a residir em Quixadá. Posteriormente Guaramiranga e já adulto, provavelmente em 1937, passa a residir em Fortaleza, na praia Formosa, onde inicia-se na pintura, nos muros dos casebres do local. Através da mão de Chabloz, suas obras correram o mundo. Foram expostas em importantes cidades europeias, despertando fortes impressões na crítica internacional. A revista *Cahiers D’Art*, de Paris, dedica-lhe reportagem de oito páginas. E, alguns anos depois, é agraciado com “Menção Honrosa” na Bienal Internacional de Veneza, em 1966. Considerado o pintor primitivo mais importante do Brasil, conseguiu

em vida uma grande aceitação popular de sua arte. A notoriedade lhe trouxe, entretanto, muitos dissabores e incompreensões levando-o a uma vida profundamente atribulada, marcada pelos escândalos, e, financeiramente instável. Morto em 05 de dezembro de 1985, a sua obra continua reverberando e encantando a todos que tem oportunidades de conhecê-la”.



**Chico da Silva** / Me chamo Chico da Silva  
De fala branda e macia.  
Piso na água, não molho.  
Piso na folha, não chia



## O Dragão e os pássaros enfurnados

Bovona viu passar três pássaros. Podia espreitar,

atrás das folhagens amassando capim. Gostava de pássaros para os enfurnar, amassá-los bem até virar uma pasta da cor de cada um. Depois esfregava a tinta e lavava a pele. Bovona falou aquilo meio embriagada, no enequim de uma planta, rindo das folhinhas que entravam e saíam de seu corpo. E um dos pássaros agudos furou o couro de Bovona, atravessou o espesso das tintas e espreguiçou as penas.

Com dois pássaros na mão, se faz uma história.

O primeiro, espantei pela janela, lunda... o segundo, luanda... E ninguém poderá dizer que os dois pássaros não voaram, nem desmentir tratar-se de um só quando os admirarem sozinhos nos baixios.

Paragon, Baleon.

Não se conserta sapato-tanque ou polar com arame, tamanqueiro, mestre de oxigênio a carbureto, escafandrista, guarda de barco. Quando viu o arisco dos pássaros, correu para o meio do asfalto. Um medo que a arapuca se desarmasse no vento.

A vida na terra é muito boa, depende do viver. Cada um arranja o seu. O pai de Chico navegava no Alto-Tejo. De baixo

para cima, sempre ali, olhos espessos, descendo para baixo, o Alto-Tejo, que nunca se acaba.

Rio de mato, rasteiro, nasceu em Trás-os-Montes-Portugal e veio descendo numa galé, no porão do mar, subterrâneo. Nunca ouvi que se carregasse um rio num barco, mas o Alto-Tejo veio do mar, diferente dos rios que correm para os oceanos.

O Alto-Tejo gosta do mato, da terra, de pular toco, dum jeito que entrar nele é embrenhar-se, é caminhar mais para dentro até à nascente. E Chico andava em cima pela fé, pelas ciências ocultas, pela imaginação, pela astronomia. Nele nascem cores, atravessam a pele do menino, vão molhar os cabelos. O Alto-Tejo entrava em Chico como se Chico fosse a galé que o levaria de volta. Subia em Chico e Chico sentia molhar a nascente do cocuruto. O menino caminhava e lá ia o rio pensar que Chico era a galé que o levaria a Trás-os-Montes-Portugal.

Há os pássaros, o jacaré e tudo o que está sob as ondas. E o rio teimava em gostar de Chico. Há o ouro, a cobra-d'água, o amor e tudo o que está sob as ondas do mar. Há o Sul, o Norte, a bebida e tudo o que está sob as ondas do mar sagrado. Há os monstros, o cão, a bruxa. Há os mundos, a borboleta, a mulher.

Até que um dia, de maré cheia, ali, Chico dormia, Alto-Tejo apontou, fez barulho, encheu, foi passando devagarinho, cobrindo o beirante pelo lado de dentro até encher o corpo de Chico com águas escuras. E o rio viveu dentro de Chico por muitos anos. E muitos foram os anos em o rio morou dentro de Chico. E Chico nunca entendeu por que o rio foi morar



dentro dele, trancar no homem o que foi feito e nascido do lado de fora.

As águas do Alto-Tejo espumadas para trás e um remo tosco penugendo o rio, a tela devagar, o corpo morto e feio do remo e cada detalhe de sua extinta árvore, sem perder um instante sequer o som das águas. O remo até alcançar a mão de um índio, roliça, faltando dedos, esverdeada, com um anel vermelho. Não é a barca de Seu Domingos que vem ali, apontando no fim da vista.

Quando acordou, viu, pela primeira vez, os pássaros fujões, coçando as penas do outro lado do rio.

O índio se descobriria devagar, o rosto, o cocar, as pinturas arranhadas. E se esta página ainda mais, de alguma forma, existisse, cheiraríamos o perfume da paisagem, o cheiro natural do Alto-Tejo e do Vale de Jeruá (não muito diferente de outros rios e de outros Vales) e um cheiro imaculado, fino, de mangue, se misturando, como se houvessem esfregado terra molhada.

A barca caminhava no rumo do beirante que despertava e olhava os pássaros fujões. E não sei se o barulho das águas ou o cheiro forte do mangue, desandaram Baleon e Paragon. O beirante ficou parado, observando os dois pássaros esticarem voo.

Um arrote choco encheu a boca de Chico com o gosto salobre do Alto-Tejo, que é rio rasteiro, de mato, caçador. A cabeça doía a cada esfregão dos remos. Engraçado guardar um rio dentro de si, o rio vem e vai, brinca de se esconder, avança, chateia-se. Todo rio é mijão.

Hei-lá, o Barqueiro acendeu uma fogueira no meio da barca, espantando os mosquitos, preparando café. Chico ain-

da procurava um jeito de acomodar o Alto-Tejo. Se se virava à esquerda, o rio escorria; se se virava à direita, o rio andava; se ficava de braços, Alto-Tejo ia para a cabeça; se ficava de pé, o rio encachoeirava-se; se se deitava de papo pra cima, Alto-Tejo serenava; se levantava o braço direito, Alto-Tejo ia para o esquerdo; se ficava de cócoras, o rio descia; se arrotava, o rio enchia a boca de Chico com o gosto salobre das águas. Engraçado guardar um rio dentro de si, até o dia em que se vê que tudo são braços e ilhas, aí o rio fica parado, caudaloso, traiçoeiro, bom de navegar.

O índio da barcazinha deixou de lado os remos e se juntou ao fogo; a barca... a barca continuara fiel aos remos, levando o Barqueiro para perto da margem onde Chico cavava a terra. Ari Coral, Gigante da Selva, Tatu Aragão, mais à frente, Tuninha e Pepino, mais ao lado, Gavião Real e Pára-queda, mais escondido, Figura de animal, Dragão e Coruja, mais calados, Montanha, Serpentes e Peixes, mais juntos, Bovona e os Pássaros Paragó, mais lá, Jacaré Bandeira, Jacaré Açú, Pintura das Neves, mais à sombra, Estranho Caniço Original, mais nas árvores, Roni Peixe, Peixes de Vênus, o Pássaro Longo e sua Jiboia, mais encovados, Paragon, Baleon, todos enfiaram focinhos, cabeças, bicos e bocas, narizes, línguas e olhos, asas, rabos e garras dentro dos muitos buracos: cascas de pau, galhos secos, tocas, tocos, brechas, furos, brenhas, covas, grutas, entre uma árvore e outra, entre um arbusto e outro, entre uma pedra e outra, dentro de frutas podres, saída de túneis, brocas, fendas, lascas, sereias, índios, homens e gigantes curiosos se enfiaram, orifícios, cavernas, sombras: aqui, próximo do formigueiro, Natureza Morta, Flores e Insetos; na boca da cachoeira, Pescador do Pirangi; naquela árvore, Baleonça; ao lado

desta flor, a Borboleta do Céu e assim até chegarmos a nomear e a encontrar todos os viventes que se espremiavam para assistir ao encontro do Barqueiro com o beirante que cavava a terra e arrotava o gosto esquisito do Alto-Tejo.

Em primeiro, mandam as palavras, estas dizem o que querem; em segundo, o tempo, senhor de nós, menos das palavras; em terceiro e em quarto, o rei, metade rei, metade coringa e em quinto, espécie de quinta essência, mando eu, criador deste céu e deste reino. Mas há o amigo de entender que eu mando no rei de cima para baixo e ele manda em mim de baixo para cima. Eu dou a ordem, ele a executa do jeito das palavras que lho dirigi, mandando as palavras em mim, no tempo e no rei:

### **encontre o cavalo que pascia nos meus sonhos**

Nos tempos do a, e, i, o, u, disse-me o rei, existia este cavalo com que sonhas dia e noite – e isto é tudo o que pude apurar durante o dia.

O rei fumava cachimbo e nunca tirava a coroa com medo de perder o reino. Amarrado por um cinturão de ouro, vestia um talhe real até a cintura e um manto vermelho pendido por um único botão de marfim à altura do peito; o manto cobria os braços e descia feito uma cortina rasgada para as pernas amarelas do monarca, a se confundir com o saiote de bufão que se via nascer na cintura, de igual cor vermelha e de iguais detalhes dourados, dividindo o rei em duas bandas – como já vos disse – meio bobo, meio autoridade. Gostava de ouro porque era dos Incas. Mandara botar ouro até no céu da boca. Quando na quermesse, o rei desfilou nu, com uma

veste finíssima: nas partes baixas, o alopramento e o cômico do palhaço, agitando as pernas numa dança circense; na parte de cima, o rei estava que era uma máscara de cera, fumando o cachimbo com desdém, absorto na sua opulência. Vestido, o rei encobria o desvio atávico, mas de nada servia, porque as vestes reais e as vestes de coringa cosiam-se entre si e ele punha aquele sapato imenso para os pés pequenos.

Incansáveis eram as caçadas que o rei promovia. Nessas ocasiões, não dispensava seu alforje de ouro cozido, nem sua bengala-cetro de rabo de macaco. Aliás, as sobranceiras do rei eram tão grossas que se misturavam com seu cabelo, dando-lhe uma feição fechada. A barba também era grossa, contornando a boquinha bastante corada. Debaixo da grande árvore, por sobre as águas, ele caçava periquitos, tarântulas e espanhas, colocando-os todos no seu alforje de ouro, como se fossem territórios que ele conquistara a ferro e a bala para registrá-los no cartório. Agora me vinha com esta de no tempo do a, e, i, o, u, o cavalo já pastava nos meus sonhos.

Quem sonha com um cavalo de tamanha fome esquece que este bicho nobre se presta muito bem aos reis nos momentos de empurra-empurra, dando safanões fortes nos indesejados que teimam em sacudir. Este príncipe mesmo, quando os Foliões, povo da região meridiana, forçaram a barra da saia, este mesmo príncipe, como dizia, não vacilou em mandar aos encontrões uma polícia montada. Também pudera, filho de uma monarquia hereditária, facilmente governável, bastando evitar transgredir os costumes tradicionais e saber adaptar-se a circunstâncias imprevistas, ele sabia muito bem como tratar destas situações, não era a primeira vez, nem seria a última que os Foliões tentariam mudar o rumo das coisas.

Acho que as palavras do rei queriam bem dizer isto: amigo dos cavalos, o rei desejava me colocar à distância, no tempo do a, e, i, o, u...

No tempo do a, e, i, o, u, via-se galinha de todo tipo: penuda, limpa, de pedra.

Nisto, pensava o Pescador do Pirangi, ali, no sol quente, perto da ponte. Parece até que o mundo cozinhava. Pensamento besta que deveria pôr chapéu. O resto do dia pescando e pensando naquele Piranji de pouca água.

Chico já vinha muito tarde. Caminhando com o Alto-Tejo na barriga e na cabeça. Tinha seis anos no couro. O Barqueiro lá dentro, esperando. Uns grunhidos de cururu, mais nada. O que é que ele tinha? Nada. Uma espinha de peixe na garganta. E Chico só dava adeus quando virava a curva.

Naquele dia, Piranji de Quixadá morreu. A água ficou ali, morta, sem ir nem vir, sem servir a ninguém, com cheiro de água podre, um coágulo. O Pescador tirou os pés e o corpo de dentro daquilo. Se alguém atravessasse o Piranji àquela hora do dia, não sairia molhado. O Pescador começava a investigar e a anotar na cabeça a causa mortis.

Rio falecer assim, de uma hora para outra, cheio d'água? E, agora, ele enterraria aquele rio inchado, branco, sem peixes. De velhice, o Piranji, de esquecimento, de febre talvez. Riozinho.

Viver assim para quê? Ninguém nunca acreditou. Parece até que esse rio nunca existiu. Piranji? Não posso acreditar. Há quem acredite que a vida não morre. Se a vida não morre, quem morre? Piranji morreu.

Não só eu e o Pescador assistimos à morte do Piranji, Chico também e talvez por um ângulo melhor, em cima daquela pedra alta que apontava para cima e que mirava bem

no centro do Piranji, e de onde rolavam pedregulhos para o leito. E assim, três, as testemunhas: eu, o Pescador e Chico. O beirante do Alto-Tejo também ajudou a enterrar o corpo molhado e podre do rio, a pá do Pescador não encontrava chão suficiente. De nós três, o Pescador era o mais triste.

Anos depois, Chico da Silva pintaria um quadro retratando a morte do Piranji. Do ângulo em que estava, Chico ainda avistou uma quarta testemunha: a mulher do pescador com um cachimbo de barro.

**Procissão dos afogados** / Os sapos do mar,  
Cantai por nós,  
As conchas do mar,  
Chorai por nós,  
A ressaca do mar,  
Lembraí de nós,  
A Toninha do mar,  
Levai-nos à terra.

“Por diversas vezes, nas páginas precedentes, apareceu



o nome de Francisco Silva. Francisco Silva: não se poderia imaginar um nome ao mesmo tempo mais comum: Francisco Silva? É como se dissesse, em francês, Léon Durand ou Louis Dupont.

Louis Dupont dizia que o rio morava e dentro do rio morava um barqueiro, mareando, pedindo que o levasse ao mar. O destino me escolheu como instrumento desta revelação.

Praia Formosa existiu? Nunca existiu. Piranji existiu? Acho que não. Eu descia a Praia Formosa toda tarde. Praia pequena que encostava a cabeça nos pés do Passeio Público. Deixei meus pertences: duas borboletas, três pássaros, machado, serrote, arco e flecha, duas cabeças de boneca, algumas coisas. Cansei da túnica azul, do chapéu de mago. Pus o azul nos olhos, embranqueci a pele, Louis Dupont Chabloz Paragon.

Havia uma, entre as praias de Fortaleza, Formosa, tão pequena e com gente tão miúda que eu poderia levá-la inteira para a França. Mas só à tarde, quando a luz diminui. Durante o dia, as árvores retiram suas sombras, escondem-nas em algum lugar da copa. À tarde, as sombras voltam para debaixo das árvores.

Amplamente esboçado a carvão ou giz, um pássaro de linhas elegantes saltou do muro de uma casinha de pescador. Entusiasmado, procurei saber quem era o autor daquelas composições murais. Eu só não quero que venham com aquela história de homenagens depois que eu morrer. Quando eu esticar, quero paz e esquecimento.

Encontrei o índio, e daí? Também já fui índio e morei numa casca de árvore, índio Guimarães, agora sou um francês que encontrou um índio. Ele chegou à minha casa. “É o senhor?”. “Pois sim”. “Francisco Silva, o pintor da praia”. Pássaro errante não tem idade. 20 a 25 anos. Chapéu redondo. Tonalidade púrpura escura. Dizia trazer um rio consigo e um barqueiro navegador. Nunca entendi porque o rio o queria tanto, trancar no homem o que foi feito e nascido do lado de fora.

O índio me falou aquilo enquanto passava os dedos na parede. Dizia-se impregnado de bichos, menos dois, Paragon, Baleon, que gostaria de pô-los numa fuma, amassá-los bem, até virar uma tinta esquisita. Pintava muros com frutas e folhas, carvão e giz, fragmentos de tijolo, cacos de telha. Pintaria a Praia Formosa inteira se os navios deixassem.

Humildes paredes. Entreguei-lhe toalhas e folhas de bristol, nanquim, guache, penas e pincéis, lápis. O índio embrulhou os presentes, saiu.

Não levei esta praia no bolso porque não quis. Se tivesse levado, Chico não encontraria a chave de Juberlano enterrada, nem viria as bruxas saírem do mar. Mas se levasse esta praia no bolso, Chico não encontraria a chave de Juberlano enterrada na areia do Pirambu e nem viria as bruxas saírem do mar. De um jeito ou de outro, eu fiz algum mal.

Algumas semanas mais, o Pintor segurava um pequeno rolo. Na terceira folha, estava lá: um pássaro fêmea e quatro filhotes. O dragão acobreado sentiu fome. Posto ao pé da parede, na alta técnica do afresco, o Pintor da Praia mostraria o seu talento”.

Louis Dupont Chabloz Paragon

O mar é besta. Quando o mundo estava de cabeça para

baixo, uma moça atravessou a duna no pé do Monte Marujaitiba, nasceu um riacho. E quando nasceu o riacho Pajeú, nasceram homens, nasceram bois para atravessar o riacho, nasceram os vaqueiros e os donos dos bois e dos vaqueiros. E quando acabou o boi? Algodão nasceu, aí nasceram com ele os vaqueiros do algodão e o dono do algodão e do vaqueiro do algodão. Os vaqueiros foram morar perto do mar, os donos nem se pareciam com os daqui, branquelos, tomavam banho para avermelhar. E quando acabou o algodão? Gado nasceu.

Chico visitou Chabloz. O francês pediu para que ele pintasse no papel o mesmo dos muros. Chabloz esteve no Pirambu para divulgar borracha e roubar luz. O branquelo achou graça do chapéu de Chico. Não sabia a idade dele não. Esses índios guardam a idade numa botija. Medem os dias pela lua, por um risco no céu ou no mar. Um risco no céu ou no mar não vale o que o gato enterra - isto eu falava pro Chico. Ele era muito andador e riscador de parede. Um dia caiei a parede detrás. Pode passar a mão, ela era ainda mais lisinha... Dormi com os olhos no branco da parede, de olhos fechados, com

medo de cegar. De manhã, este moço, o Chabloz, levou meu muro para Venezabienal só por conta dos riscos de Chico.

Disseram então que o índio do Pirambu reinventara a pintura. Reinventado o quê? Um doido, um rio dentro dele isto sim. Ele reinventou foi meu muro, uma besteira que ganhou pernas. Nada se aproveita. Sereia? Ninguém nunca viu não. Procissão? Ninguém sabe não. Fortaleza só foi tomar banho de mar muito depois. Chico tirou aquilo da cabeça dele, Chabloz foi o primeiro que viu e gostou. E quando o primeiro vê e gosta, todo mundo quer vê para gostar, para achar bonito. Eu também vi, vi meu muro caiado. Chabloz perguntou. Quem pintou o muro? Foi um mulato que vive por aí, de barco em barco, de léu em léu. Quando ele aparecer, mande ele vir à minha casa. O resto o moço diz que já contou. Meu pai foi guerreiro, eu já não brigo, não posso brigar, sou fraco. No lugar de ir pra frente, fui pra trás.

“Meu caro senhor, eu garanto a perfeita honestidade do pintor. Acredite-me, este pássaro existe. É verdade que se trata de um pássaro raríssimo e que não se encontra facilmente, pois é selvagem e não deixa ninguém se aproximar dele. Mas alguns poetas entre meus amigos me garantiram já tê-lo visto. E o senhor mesmo, estou certo de que, quando o senhor tiver partido deste Vale de Lágrimas, o senhor o verá todo dia e em grande abundância”.

**Jean Pierre Chabloz**

Quem dá vida ao quadro é a própria pessoa que olha e



diz o que vê. O Barqueiro sentou na beira do batel e ficou a espiar o tempo, a fumar uma bagana, a tomar café, de vez em quando, se levantava, se esticava para trás, com as mãos na cintura, levantava o papo, e fazia uma cara de dor, estalando os ossos. Chico continuava cavando a margem do rio, remoendo o barro com as mãos, ele não podia entender como um cavalo é sempre um cavalo, não é óleo, guache, nanquim ou leite, o cavalo só ensina o pulo da frente, o pulo de lado, fica com Chico que sabe o gosto barrento do Alto-Tejo.

Roni Peixe, em cima das árvores, viu, de lá, um canal cinzento se abrir entre o beirante e o leito do Alto-Tejo, parecia que Chico chamava o rio mais e mais, como se aquelas águas fossem o barco que o levaria de volta, não de volta ao Trás-os-Montes-Portugal, pois Chico não era o Alto-Tejo e nem veio ao mundo no porão de um navio, mas sim a um lugar de pedras, de muros brancos, que sua mãe contava. Rio brincalhão, o Alto-Tejo, atendia ao chamado de Chico, se esticava, se estreitava na vereda que se abria a cada mancheia, mainça, maunça, manípulo, punhado do beirante cavador.

Uma pena de Paragon desprendeuse do pássaro fujão, enganchou-se num espinheiro, o vento forçou até extrair de lá, a

pena voou sem o pássaro, circulou e descansou na pele carocuda do rio, maré levou, muitas águas, algumas pedras, pedregulhos, pedrinhas, o rio levou a pena pelo caminho mais estreito, para senti-la roçar, a pena foi, entrou pelo caminho de Chico, um filete, até ser colhida por uma mão com unhas cheias de barro. Chico guardou a pena de Paragon e jurou que um dia teria todas as penas do pássaro, para enfuná-las, amassá-las bem até virar uma tinta esquisita, pegajosa, da cor de cada uma.

O índio matava alguns mosquitos na testa, depois lambia a mão roliça. Aquele vale ardia, Vale de Jeruá, ardia e chovia, e a chuva parecia que colocava mais lenha, a chuva daqui cheira a gasolina, dizia o Barqueiro. O gordo gostava, abria a boca espumosa e estendia a língua de sapo, fazia bem à pele, que era cheia de vulcões, espinhas e sinais. Por isso, fumava, fumava, talvez aquele lugar estourasse com a ponta do cigarro, talvez desaparecesse, cheio de bichos escondidos nas brechas, brocas e cascas de pau. O que se cria, cria, cria sempre, faz-se o Diabo, faz-se Deus, competência e braço forte, cai, não cai, costumava repetir. Ninguém entendia nada, ninguém ouvia nada. Uns grunhidos de cururu. O Barqueiro dava a quem não tinha... E o que é que ele tinha? Nada, só uns grunhidos de cururu, um anel vermelho e agradável em um dos dedos roliços.

Não que Chico e o índio houvessem ignorados a presença um do outro, mas ficaram ali, cada um no seu ofício, com o Vale de Jeruá ao fundo: Chico, cavando a terra, formando o canal para que o rio entrasse mais e o levasse de volta; o Barqueiro, pitando, tomando café, lambendo a mão suja dos insetos que matava. Jacaré Açu, Pintura das Neves, Pássaro Longo e Jibóia se cansaram daquela cena repetida, reprisada, e foram os primeiros a saírem do esconderijo para se enfiar na mata. Hou-lá, Chico bem poderia perguntar ao homem da barca onde nascia e terminava o Alto-Tejo. Talvez, em alguma margem, estivesse uma mulher de

vestido florido à beira de uma cacimba, Chico a ajudaria, desceria o balde oco e depois, cheio, o carregaria até a casa onde esta mesma mulher morava e penteava o cabelo comprido. Mas o Alto-Tejo é rio de mato, rasteiro, vem de baixo para cima, se a gente encontra o começo dele, de nada adianta, ele nunca começa ali, mas sempre num lado diferente. Quem nasce dentro do Alto-Tejo fica rodando. Não adiantava chegar ao começo ou ao fim do rio, o negócio rendia no meio, por isso Chico desistiu da pergunta e continuou cavando a terra. O Barqueiro, o Barqueiro com aqueles grunhidos de cururu também poderia perguntar a Chico como era arrotar o gosto salobre das águas, como era carregar um rio mijão sem se afogar, mas ele preferiu encobrir mais a cabeça com o manto frouxo e sentir o cigarro esquentando as fuças. Sete dias e sete noites passaram um ao lado do outro sem dizer uma palavra.

O canal que Chico abria com a mão, que começou pequenininho, um filete, não era agora o mais estreito do Alto-Tejo, não cabia apenas uma pena de Paragon, cabia o pássaro inteiro ou aquela árvore caída ou mesmo este livro se lá estivesse, boiando.

Podia chamar-se afluente, Rio Baú, Riacho Baleonça, Riacho do Vale, Rio Minervina, Rio Furado ou qualquer outro nome próprio, Pequeno Tejo, Baixo-Tejo, Riacho Baleon.

E quando o Barqueiro percebeu que o canal aberto por Chico já podia ser conhecido por qualquer destes nomes, apagou o fogo, desamarrou a barca, pôs as mãos no remo e passou a navegar em direção ao Rio Minervina ou Riacho do Vale. E Chico parou de esculpir o canal que o levaria de volta, não de volta ao Trás-os-Montes-Portugal, porque Chico não era o Alto-Tejo e nem veio ao mundo no porão de um navio, parou de esculpir porque sentiu as estocadas do Barqueiro martelando cada vez mais dentro, cada vez mais fundo, agudas, como dez cigarras, uníssonas, batendo pedras. A barca entrou deslizando fino, braço novo de rio é assim mesmo, mole, ligeiro. O Barqueiro ainda acendeu um cigarro, Estranho

Caniço, Gavião Real e Paraquedista fugiram, os buracos e brocas estavam quase todos desocupados. A barca ia chegando ao fim do riachote aberto pelo beirante, na nascente, que era o próprio Chico de braços abertos, com as mãos enlameadas. A barca foi entrando calmamente, o Barqueiro deixou de lado os remos e se juntou ao fogo, a barca ia, como se os remos deitados fossem a perna amputada, a barca seguiu, entrou para dentro de Chico e passou a navegar no Alto-Tejo que morava ali e que pensava que Chico era a Galé que o levaria de volta ao Trás-os-Montes-Portugal.

As pedras são cantadas ao relento. Sai o 13, o meia oito, o 27. Saem muitos números. O meu não chega, deixa para sair depois, noutra rodada, quando já não presta. Mas saem outros. O 40? Gosta, sai. O 20, o 22. Assim, feito algarismos. Quem preenche ganha o teatro, o dinheiro, os dinheiros.

Ficava ali na esquina, o gato vinha de longe, cheirando a lixo, roçava a perna da gente. Entre as pernas e as cadeiras de ferro, parava, o rabo vinha. Chico pegava pelo rabo, dizia, o mundo, meu povo, a gente pega pelo rabo. E o que é o mundo? O mundo é uma coité que fica rodando com o povo dentro dele, o gato passa, a coité gira. Ele dizia essas coisas... Chegavam também a biritá, o bilhar roído, o carteadado. Nome feio? A gente falava muito, o de menos: boca da gente comeu azeitona roxa, tanto eram os cus-baitingas, tudo com muito zelo, que nome bonito se calou.

Lá chegavam os espetos, coração de frango, língua de boi, miúdos, vinham panelada, tripa, moela, farinha, aguardente. Se dinheiro sobrava no bolso, pagava, se dinheiro faltava no bolso... Pintava quadros, paredes. Dizem que ele entrou a convite do dono. Ficava no museu, de bermuda, dando aula aos doutores. Mas não dava aula não. Não existe escola sem professor. Os quadros dele é que davam as aulas, sozinhos, sem precisar de livro. Ele, sim, vivia filósofo, falava umas coisas cheias de palavras, de sabedorias. Um

dia, ensinou as crianças daqui a encher palavras e também ensinou a pintar rosas. Era um homenzarrão, um major, espadaúdo, nadava como a Toninha, respirava no chão e no mar com um cigarro na boca. Pulava de uma ponta a outra, Barra, Goiabeiras, Pirambu, Arpoador, Cristo Rei, Formosa, do Peixe, Dois Coqueiros, Iparana. Uma bruxa de duas bruxas vivia dentro dele, e não um índio de dedos grossos.

Chico, doutor, ciências ocultas, andava de automóvel para vender os quadros antes da onda do mar-turista se desfazer. Hoje, pintam os dragões, o tatu, a tuninha e as garras do polvo no rosto das crianças e penduram as menininhas e os menininhos do Pirambu de cabeça para baixo, com um gancho amarrado nos pezinhos, feito um quarto de boi ou criação - porco, carneiro, bode. Eles ficam assim por horas, puxando sangue para a cabeça até molhar de carmim os lábios pequenos e grandes de suas boquinhas, até ficarem rubras as bochechas e a ponta final das unhas. Quando um homenzarrão risca na beirada da praia, escolhe aquele pedaço, aquele outro. Amolam a faca no esmeril e enfiam a faquinha no estômago dos menininhos e das menininhas, fazendo cócegas neles para estalar os ossos da costelinha magra e abrir o caminho das tripas. O Gigante então os leva para o mato e come. Quando a Velha do Chapéu Grande vai embora junto com o homenzarrão, a Mão recolhe o restinho das crianças e cola os pedacinhos e estende os meninos e as menininhas com galhos de pau para secar no tronco do machado, no sôvaco dos sinais de trânsito. Assim são muitas crianças do Pirambu e de Iracema que, no lugar dos quadros do Chico, vendem Dragão, Tartaruga Emboá, Aranha, Cangussú e Serpente da Ilha colados no corpo.

No museu, ele soltou os bichos que rondavam a cabeça dele. Dragões, Roni Peixe, Pássaro Pepino, Serpente, Peixe de Vênus. Numa delas, Árvore com batráquios e Figura Humana,

uma história de rei e de cavalo. O quadro de Chico me disse esta história. O cavalo se encontrava a poucos metros de mim, ganhei no número que chegou atrasado.

Em Fortaleza, se vai e se volta num xadrez. O braço de Chico da Silva parecia uma máquina de costurar pinicando na tela. E pintava na rua e pintava na sala e pintava no museu e pintava no Pajeú e pintava no mar e pintava no sertão e pintava lendas, sangue e fome do de-comer e pintava o Cão vestido de cururu, a mãe e a mulher do Cão.

Se pintava, era do lado esquerdo que nasciam os bichos, a sereia, a floresta, que do lado esquerdo é o lado da Grande Bomba, a gente tem vontade, pensa no coração, realiza, projeta, executa e demonstra o trabalho. Bruxa? Vêm-se muitas no Pirambu, nesses casebres um em cima do outro, escondendo bruxinhas nas meias-paredes. Pirambu, nome de peixe do mar. Pirambu só é bonito... vai comer, não tem gosto de nada.

Chico viu a vassoura da Bruxa quando voltou pra casa. A vassoura estatalou no chão quando o pintor empurrou a porta. A bruxa se escondeu detrás dos quadros, das tintas, dos pincéis cabeludos, como uma criança assustada. A verruga carocuda. Chico ficou com medo de a bruxa borrar as tintas de Baleon, pássaro fujão, Paragon, Baleon. Ela queria roubar a chave de Juberlano, ela queria matar Chabloz com sua feiúra. Gritou por Dalva e os meninos.

Pegou o cinto da calça, uma tira sem fim, grande o suficiente para dar uma volta e meia na cintura de um escafandrista. Correu Praia, Sertão, Sertão, Praia. A bruxa rindo do major sem calça, com uma tira de couro pra dar nela, pra deixá-la moída, com os miolos de fora, pra ela aprender a nunca mais beber caçaça. Encontrasse a bruxa? Não? Nem Chico. Foram encontrar o pintor já na beira do mar, com a boca cheia de lixo, gritando por Chabloz, vomitando o Alto-Tejo.

O mundo para ser mundo tem de ser composto. Humaitá foi guerra, cidade e papagaio. Aldeota, Pirambu, Pirambu, Aldeota. Praia, Sertão, Sertão, Praia. Lunda, Luanda, Luanda, Lunda.

No museu de arte, os quadros dormem pendurados, feito morcegos. Os cupins comem, devoram, fúram os olhos, um batalhão deles. Nunca perguntaram: posso levar um? Se pode levar? Claro que pode. Só na feira da Beira-mar encontraram dois mil Chicos da Silva num formigueiro.

Depois que Chabloz escafedeu, metade de Chico ficou por aí, vendendo verduras nas praças Coração de Jesus, José de Alencar, Ferreira, Gentilândia, Lagoinha, Do Carmo, Leões, Pirambu, num caixote armado cheio de verduras verdes; a outra parte do Chico ganhou o mundo e o dinheiro, Europa, Louzanne, Lisboa, Filipinas, Relevo do Rio, São Paulo, Suíça, Veneza, Paris, França, Askansy, Cahiers d'Art, como se Chico fosse um santo cortado ao meio, uma fruta caída. O Barqueiro acompanhava as duas bandas de Chico, de um lado pro outro. Remava. Rio mais revoltado o Chico da Silva. Se soubesse, ficaria estalando os mosquitos na testa, pitando para ver se o Alto Tejo explodia com a ponta do cigarro.

Vai então pela praia do Peixe, Chico, vai e atira no mar a esponja, espera, aguarda o momento para não afundar, segue com ela. No Pirambu, há tantos meninos com esponjas no mar. No caminho, vai pensando no barqueiro, no rio mijão, e toma a varinha. Chega perto, vai mais. Quando chegares àquela pedra, toca na pedra com a varinha. Fazes bem, a pedra se partirá no meio e há de aparecer uma serpente. Serpentes não ficam nas telas. Entra, pela pedra adentro, tu hoje és o barqueiro passando no braço de rio, entra pela pedra, há uma caixa. Toca com a varinha na caixa, tocas bem, a caixa há de se abrir como outras coisas que se abrem, tira de dentro dela um ovo. Não, Chico, não são ovos de Paragon. Este ovo tem três gemas, quando quebrares, dá a clara à serpente. Já fui à Inglaterra, Alemanha, ao

Vietcongo, aos Estados Unidos... Já fui à Juberlano. Joga a esponja no mar e segue.

Chico sentia queimor nas mãos quando Psiu-ruivo passava no Pirambu. Largava os pincéis e corria, sujo da cabeça ao cocuruto, para a janela. Saudava o parafuso-frouxo. Psiu dizia umas filosofias de serra, professor de chuva e de sol. Como vai, Psiu-ruivo? Benção, Psiu-ruivo. Velho cheiroso a mijo. Mesmo gostava. Psiu-ruivo ria. Vai chover depois do sol. Vai fazer sol depois da chuva. Garoava. Descia para dormir na pedra mar-sertão. No claro, no escuro. Têmperas.

Chico perguntava de que lado nascia o Pirambu. Do lado do homem sem terra, dizia Psiu-ruivo. Pirambu não dá mais pro comércio, não sai nem entra dinheiro. Parado. Bicho das Penas, Casa de Abelha e Caboclo Peruano se juntaram nos vazios de Chico, da janela e de Psiu. No telhado, Cabeça de Mulher e Girassóis. A conversa fumava. Se uma fotografia estalasse na casinha do Pirambu, eu poderia apontar com o dedo fura-bolo Cangassú e Serpente da Ilha, o Dragão das Profundezas e Oriodime, animais que acompanhavam a conversa mole dos dois. E quer café, Psiu? Os meninos vinham, voltavam, saíam... Aldeota tapou Pirambu, o Pirambu. Corta-vento fez do Pirambu um buraco quente. Os meninos da rua azunhavam "Psiu" e ele respondia "Ruivo". Terrível Leão Pantera, monstruoso João Cloud, Claudionor, amarelo véio, se juntava aos papéis-pés do filho de Dona Minervina.

Chico ia conversar com Psiu ou beber cachaça, deixava a porta aberta, Chico ia passear de carro, deixava a porta aberta, Chico descia para Juberlano, deixava a porta aberta, Chico vendia quadro, deixava a porta aberta, Chico comprava ouro para botar na boca, deixava a porta aberta, conversar na calçada, deixava a porta aberta...

Claudionor, Babá e Chica entravam, viam cores no chão, pincéis, tintas de colégio, gravuras, florestas, Paragon, Baleon. Os



meninos queriam os pássaros para enfurná-los, amassá-los bem até virar uma pasta esquisita, pegajosa. Chico nem aí. Deixasse os bichos brincar com os meninos. Bicho não morde. Menino morde. Morde. Puiu-ruivo está com pressa? Hora que veio atrasada, eu não. Naquele tempo, se respeitava soldado. Agora, só calor, nem hoje. Chico entendia aquelas coisas mesmo quando a bruxa atacava, ele sabia. A Cruviana vem vindo, vem rompendo os prédios, maresia fina. Quando faz frio, Puiu-ruivo fica do tamanho do dedo mindinho. O calor ia com ele. Chico molhado de suor para dentro da rede. O índio-barqueiro ia ficar ao pé da rede até ele ficar bom. Quando Chico estava bêbado, pessoas que estão de parte viam o índio tomar conta de Chico.

O mar chega à beira revolto, explodindo na parede beira-mar, estilhaços perfuram os turistas desavisados, rompendo maquiagens. O barqueiro demônio, dentro de uma banheira, hasteava o pano, flamulando a língua de trapo, e Chico arrotava o gosto barrento do Alto Tejo. E foi num dia de praia, domingo, que o Barqueiro aprontou o combinado, sacudindo as águas que moravam dentro de Chico como se quisesse fazer um dilúvio na rede. Chico não aguentava em si aquele redemoinho. Decidiu entrar no formigueiro-dele-mesmo para ver quem vendia seus quadros com a assinatura sua ao contrário do costume, que Francisco da Silva, Louis Dupont, sempre assinou com o q ao inverso e o s no sinistro, sem falar que o i era mais uma divisa no mapa do seu nome, dividindo-o em dois hemisférios: Paragon e Baleon, Lunda e Luanda, Sertão e Praia e assim vai. Pois bem, quem não souber viver, procure a morte para morrer. Chico saiu às ruas de Fortaleza como um dragão perdido, com uma caneta na mão, e a flâmula do capiroto sacudindo, e não viu nos quadros e nas telas que brotavam do Pirambu de cima abaixo nada que não levasse o seu nome, o seu nome em todos os muros daquele bairro submerso, de casebres que vendiam tinta francesa e pincéis ca-

ros, as crianças olhavam para o Dragão com os olhos de cobiça, sentidos por não colocá-lo numa furna e amassá-lo bem até virar uma tinta esquisita da cor do seu bafo. Na verdade, Chico não atinava como o seu nome foi parar em tanta cor, em tanto tecido, nem sequer sabia soletrar o nome por inteiro, mas estava escrito em blusas, chaveiros, bonés, panos de prato, tatuagens, panos de chão, tapetes, adesivos, estampas, telhas, barros. O dragão de Chico parecia mesmo um Tamanduá das Neves, acossado pelo cheiro das formigas, foi mais fundo no formigueiro investigar a fábrica de Chico da Silva, escolher a Rainha para uma conversa.

Pirambu é nome de peixe, vai comer não tem gosto de nada. O Tamanduá Dragão rondou as portas daquela gente, suas vielas, suas esquinas, e só encontrava em cada canto, em cada praça, o mesmo rosto, ou o mesmo rosto de índio cara de pau, todo mundo ali era Chico ou da Silva, não havia diferença, cara dum, focinho do outro, e estavam dizendo que nenhum quadro, desde os desenhos entregues ao francês Chabloz, até os da exposição na Venezabienal, tudo, nada era de Chico. E isto o Tamanduá auscultou entre um jogo e outro de bilhar, numa dose leste-oeste, ali no encontro do Rio Ceará com o mar sem vergonha, às vezes ele bebia com ele mesmo, longas noites, ou com o barqueiro que morava dentro dele ou com o índio que o velava na rede, enchia o bucho com a garrafada da bruxa. O formigueiro era cada vez mais sem volta: Padre Andrade, Jardim Iracema, Barra do Ceará, Goiabeiras, Cristo Redentor, Pirambu, Terra Prometida, Carlito, Moura Brasil, Álvaro Weyne, sem falar nas avenidas.

A casa nova do formigueiro era arrodeada de meninos ainda cheira-cu, com um alpendre, um ateliê que dava pouco pro mar não bater, era ali a fábrica de Chico da Silva, sempre foi, mesmo dormindo, ele pintava, mesmo acordado, mil chicos da silva faziam dele uma tartaruga, um arcanjo, uma tuninha nas

garras do polvo. Caon mortuário. No fundo, Chico já sabia que não era ele, ele mesmo era um braço que viajava de paraquedas, o sangue escorrendo, o braço pintava, pingava. Na areia verde, uma sereia sem braço esperava um dia o retorno daquela chuva de sangue. E quem sangrara seu braço? Quem o explodira em carnigão bem no centro da cidade? A fábrica do pintor da praia era de gente que morava nas torres altas, entendidas de arte, como Chico entendia do alfabeto. E muita gente ganhou o dinheiro, os dinheiros, e foram muitas pessoas que ganharam o verde, até hoje, arrancando o couro dos meninos e meninas do Pirambu, para estalar os ossos da costelinha magra e abrir o caminho das tripas.

Doença entra na gente bem facinho. Chico só molhou a bunda e os pés, e Claudionor, que bebeu um copo d'água fervendo e depois pulou no rio, não sentiu nada.

A boca de Chico quase engoliu a orelha, tão grande foi o repuxão pro lado esquerdo que é o lado do coração, o lado da luz que dá o Pai Eterno, Mestre. Foi o ramo.

Tomou purga, durante três dias, num quarto escuro sem ver o lado de fora da casa e a jangada atolada no mar, sem colher a luz do sol, três dias, tudo sob o olho de Dona Minervina que há tempos não aparecia e que deu de vir de vez em quando a espiar o menino traquinas. No quarto escuro, aprendeu o que anda por debaixo da casa: vermes que açoitam a cabeça com uma coceira, a mexer o juízo de um. Três dias para a boca voltar ao lugar, que o medo maior de Chico era perder a orelha, deixar de ouvir o som esquerdo do mundo, ser abocanhado por ele mesmo numa veneta, só por vontades da boca comilona. No quarto sem luz, a luz vinha de dentro, iluminada de bichos, Pororoca da Mata e o Barbulhão, o Peixe Pavilhão e o Pássaro Vidô, que lhe fizeram companhia os três dias de carnaval no recinto fechado. Depois

dali, viu a luz de fora, mas a luz de dentro, a que ilumina, já estava escura.

Levaram Chico ao Mira y Lopez para dizer ao Deus dará que ele era Psiu-ruivo, um estafermo sem parafusos pressionando os queixos e a cabeça de metal: “É tantan, sem um pingo” - diziam. Levaram, mas Chico quis ir só, para provar ao povinho que andava sem razão com o sentido no cabresto. Armou-se todo com anzol, estilingue, e do lado, um cão vira lata, e do outro, um carneiro, e na mão, um canário de briga, e no sovaco, um galo assanhado.

As ruas de Fortaleza vêm e vão num xadrez, bolos de confeitaria, não há como errar, é preto no branco. O Mira y Lopez, bem ali, como a Pacatuba e a Messejana. Gavião Vipino, Iracema e seus peixes foram os primeiros a chegar, anunciando o Grã Circo Pirambu com seu dragão e os pássaros enfurnados. O Grande Circo armou sua tenda num quarto branco e ali deram para emagrecer Chico com todo tipo de ausência. Na verdade, Chico nunca foi ao Mira, embora conhecesse muita gente por lá. Hospital das Clínicas, Santa Casa, Casa de Saúde São Raimundo, Escola de Aprendizes Marinheiros, Clínico Geral, UTIs, biópsias de fígado, cirroses e tudo o que se pode vasculhar no corpo, meses inteiros com o papo virado pro mar, decidindo se vai ou não vai, decidindo para que lado a morte espia e para que lado a vida solta seu rojão. Quem não souber viver, não viva. Arrotava o gosto salobre das águas do Alto Tejo, a vontade de pôr na ponta da língua uma ardência qualquer, nem que fosse o vinagre, o mesmo que deram ao Jesus dos Pássaros.

Quando emagreceram Chico, tirando-lhe das carnes o corpo de major, a camisa aberta, a medalha no peito, a cicatriz de marinheiro, restou um cabo de vassoura, um homenzinho fino que lembrava o penacho do índio roliço que dormia dentro. “Vou cuidar da granja e da vacaria”.

Um dia Chico dormiu detrás da porta de casa, queria espantar visita. Foram ver, o vento varrerá o Chico ao Deus Dará, procuraram e chamaram por Psiu-ruivo no quintal e debaixo da cama, e encontram os fiapos de um pincel e uma bacia há muito tempo perdida, cacos, cacarecos de Chico. O barqueiro levara sem ver pra crer. Não de volta ao Trás-os-Montes-Portugal, mas a um lugar de pedras caiadas que sua mãe costumava falar, onde Piranji vive atolado. Os meninos e as meninas do Pirambu continuaram a escrever o nome de Chico em telhas, potes, barros, cordões, Chico é um nome, um homem descalço, uma paisagem que o mar se debate quando os carros passam...

Bovona falou aquilo meio embriagada, no enequim de

uma planta, rindo das folhinhas que entravam e saíam de seu corpo. E um dos pássaros agudos furou o corpo de Bovona, atravessou o espesso das tintas e espreguiçou suas penas. Com dois pássaros na mão, se faz uma história. O primeiro, espantei pela janela, lunda... assim... o segundo, luanda... E ninguém poderá dizer que os dois pássaros não voaram, nem desmentir tratar-se de um só quando os virem passear sozinhos nos baixios.

Rodrigo Marques

Rodrigo Marques

Geraldo Jesuino



Copyright © 2021 by

Revisão

Projeto gráfico e capa

Esta obra foi composta com a fonte Optima e impressa em offset sobre papel offset - LD 120gr/m2., nas oficinas gráficas da IMPRECE - Impresora do Ceará Ltda, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, no mês de outubro de 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marques, Rodrigo

O dragão e os pássaros enfurnados /  
Rodrigo Marques. -- Quixadá, CE :  
Aluá Sebo & Galeria, 2021.

ISBN 978-65-996342-0-8

1. Brasileira 2. Artistas - Biografia 3. Pintores brasileiros 4. Pintura - Apreciação 5. Silva, Chico da, 1910-1985 I. Título.

21-87174

CDD-759.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Pintores brasileiros : Biografia 759.981  
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

### **Rodrigo Marques**

nasceu em Fortaleza no ano de 1980. Escreve ensaios, poemas, cordéis. Professor da UECE em Quixadá, campus FECLESC. O Dragão e os pássaros enfiados vai dedicado aos moradores do Grande Pirambu.

2022 2021 2020 2019 2018 2017 2016 2015 2014 2013 2012 2011 2010 2009 2008 2007 2006 2005 2004 2003 2002 2001 2000 1999 1998 1997 1996 1995 1994 1993 1992 1991 1990 1989 1988 1987 1986 1985 1984 1983 1982 1981 1980 1979 1978 1977 1976 1975 1974 1973 1972 1971 1970 1969 1968 1967 1966 1965 1964 1963 1962 1961 1960 1959 1958 1957 1956 1955 1954 1953 1952 1951 1950 1949 1948 1947 1946 1945 1944 1943 1942 1941 1940 1939 1938 1937 1936 1935 1934 1933 1932 1931 1930 1929 1928 1927 1926 1925 1924 1923 1922 1921 1920 1919 1918 1917 1916 1915 1914 1913 1912 1911 1910 1909 1908 1907 1906 1905 1904 1903 1902 1901 1900 1899 1898 1897 1896 1895 1894 1893 1892 1891 1890 1889 1888 1887 1886 1885 1884 1883 1882 1881 1880 1879 1878 1877 1876 1875 1874 1873 1872 1871 1870 1869 1868 1867 1866 1865 1864 1863 1862 1861 1860 1859 1858 1857 1856 1855 1854 1853 1852 1851 1850 1849 1848 1847 1846 1845 1844 1843 1842 1841 1840 1839 1838 1837 1836 1835 1834 1833 1832 1831 1830 1829 1828 1827 1826 1825 1824 1823 1822 1821 1820 1819 1818 1817 1816 1815 1814 1813 1812 1811 1810 1809 1808 1807 1806 1805 1804 1803 1802 1801 1800 1799 1798 1797 1796 1795 1794 1793 1792 1791 1790 1789 1788 1787 1786 1785 1784 1783 1782 1781 1780 1779 1778 1777 1776 1775 1774 1773 1772 1771 1770 1769 1768 1767 1766 1765 1764 1763 1762 1761 1760 1759 1758 1757 1756 1755 1754 1753 1752 1751 1750 1749 1748 1747 1746 1745 1744 1743 1742 1741 1740 1739 1738 1737 1736 1735 1734 1733 1732 1731 1730 1729 1728 1727 1726 1725 1724 1723 1722 1721 1720 1719 1718 1717 1716 1715 1714 1713 1712 1711 1710 1709 1708 1707 1706 1705 1704 1703 1702 1701 1700 1699 1698 1697 1696 1695 1694 1693 1692 1691 1690 1689 1688 1687 1686 1685 1684 1683 1682 1681 1680 1679 1678 1677 1676 1675 1674 1673 1672 1671 1670 1669 1668 1667 1666 1665 1664 1663 1662 1661 1660 1659 1658 1657 1656 1655 1654 1653 1652 1651 1650 1649 1648 1647 1646 1645 1644 1643 1642 1641 1640 1639 1638 1637 1636 1635 1634 1633 1632 1631 1630 1629 1628 1627 1626 1625 1624 1623 1622 1621 1620 1619 1618 1617 1616 1615 1614 1613 1612 1611 1610 1609 1608 1607 1606 1605 1604 1603 1602 1601 1600 1599 1598 1597 1596 1595 1594 1593 1592 1591 1590 1589 1588 1587 1586 1585 1584 1583 1582 1581 1580 1579 1578 1577 1576 1575 1574 1573 1572 1571 1570 1569 1568 1567 1566 1565 1564 1563 1562 1561 1560 1559 1558 1557 1556 1555 1554 1553 1552 1551 1550 1549 1548 1547 1546 1545 1544 1543 1542 1541 1540 1539 1538 1537 1536 1535 1534 1533 1532 1531 1530 1529 1528 1527 1526 1525 1524 1523 1522 1521 1520 1519 1518 1517 1516 1515 1514 1513 1512 1511 1510 1509 1508 1507 1506 1505 1504 1503 1502 1501 1500 1499 1498 1497 1496 1495 1494 1493 1492 1491 1490 1489 1488 1487 1486 1485 1484 1483 1482 1481 1480 1479 1478 1477 1476 1475 1474 1473 1472 1471 1470 1469 1468 1467 1466 1465 1464 1463 1462 1461 1460 1459 1458 1457 1456 1455 1454 1453 1452 1451 1450 1449 1448 1447 1446 1445 1444 1443 1442 1441 1440 1439 1438 1437 1436 1435 1434 1433 1432 1431 1430 1429 1428 1427 1426 1425 1424 1423 1422 1421 1420 1419 1418 1417 1416 1415 1414 1413 1412 1411 1410 1409 1408 1407 1406 1405 1404 1403 1402 1401 1400 1399 1398 1397 1396 1395 1394 1393 1392 1391 1390 1389 1388 1387 1386 1385 1384 1383 1382 1381 1380 1379 1378 1377 1376 1375 1374 1373 1372 1371 1370 1369 1368 1367 1366 1365 1364 1363 1362 1361 1360 1359 1358 1357 1356 1355 1354 1353 1352 1351 1350 1349 1348 1347 1346 1345 1344 1343 1342 1341 1340 1339 1338 1337 1336 1335 1334 1333 1332 1331 1330 1329 1328 1327 1326 1325 1324 1323 1322 1321 1320 1319 1318 1317 1316 1315 1314 1313 1312 1311 1310 1309 1308 1307 1306 1305 1304 1303 1302 1301 1300 1299 1298 1297 1296 1295 1294 1293 1292 1291 1290 1289 1288 1287 1286 1285 1284 1283 1282 1281 1280 1279 1278 1277 1276 1275 1274 1273 1272 1271 1270 1269 1268 1267 1266 1265 1264 1263 1262 1261 1260 1259 1258 1257 1256 1255 1254 1253 1252 1251 1250 1249 1248 1247 1246 1245 1244 1243 1242 1241 1240 1239 1238 1237 1236 1235 1234 1233 1232 1231 1230 1229 1228 1227 1226 1225 1224 1223 1222 1221 1220 1219 1218 1217 1216 1215 1214 1213 1212 1211 1210 1209 1208 1207 1206 1205 1204 1203 1202 1201 1200 1199 1198 1197 1196 1195 1194 1193 1192 1191 1190 1189 1188 1187 1186 1185 1184 1183 1182 1181 1180 1179 1178 1177 1176 1175 1174 1173 1172 1171 1170 1169 1168 1167 1166 1165 1164 1163 1162 1161 1160 1159 1158 1157 1156 1155 1154 1153 1152 1151 1150 1149 1148 1147 1146 1145 1144 1143 1142 1141 1140 1139 1138 1137 1136 1135 1134 1133 1132 1131 1130 1129 1128 1127 1126 1125 1124 1123 1122 1121 1120 1119 1118 1117 1116 1115 1114 1113 1112 1111 1110 1109 1108 1107 1106 1105 1104 1103 1102 1101 1100 1099 1098 1097 1096 1095 1094 1093 1092 1091 1090 1089 1088 1087 1086 1085 1084 1083 1082 1081 1080 1079 1078 1077 1076 1075 1074 1073 1072 1071 1070 1069 1068 1067 1066 1065 1064 1063 1062 1061 1060 1059 1058 1057 1056 1055 1054 1053 1052 1051 1050 1049 1048 1047 1046 1045 1044 1043 1042 1041 1040 1039 1038 1037 1036 1035 1034 1033 1032 1031 1030 1029 1028 1027 1026 1025 1024 1023 1022 1021 1020 1019 1018 1017 1016 1015 1014 1013 1012 1011 1010 1009 1008 1007 1006 1005 1004 1003 1002 1001 1000 999 998 997 996 995 994 993 992 991 990 989 988 987 986 985 984 983 982 981 980 979 978 977 976 975 974 973 972 971 970 969 968 967 966 965 964 963 962 961 960 959 958 957 956 955 954 953 952 951 950 949 948 947 946 945 944 943 942 941 940 939 938 937 936 935 934 933 932 931 930 929 928 927 926 925 924 923 922 921 920 919 918 917 916 915 914 913 912 911 910 909 908 907 906 905 904 903 902 901 900 899 898 897 896 895 894 893 892 891 890 889 888 887 886 885 884 883 882 881 880 879 878 877 876 875 874 873 872 871 870 869 868 867 866 865 864 863 862 861 860 859 858 857 856 855 854 853 852 851 850 849 848 847 846 845 844 843 842 841 840 839 838 837 836 835 834 833 832 831 830 829 828 827 826 825 824 823 822 821 820 819 818 817 816 815 814 813 812 811 810 809 808 807 806 805 804 803 802 801 800 799 798 797 796 795 794 793 792 791 790 789 788 787 786 785 784 783 782 781 780 779 778 777 776 775 774 773 772 771 770 769 768 767 766 765 764 763 762 761 760 759 758 757 756 755 754 753 752 751 750 749 748 747 746 745 744 743 742 741 740 739 738 737 736 735 734 733 732 731 730 729 728 727 726 725 724 723 722 721 720 719 718 717 716 715 714 713 712 711 710 709 708 707 706 705 704 703 702 701 700 699 698 697 696 695 694 693 692 691 690 689 688 687 686 685 684 683 682 681 680 679 678 677 676 675 674 673 672 671 670 669 668 667 666 665 664 663 662 661 660 659 658 657 656 655 654 653 652 651 650 649 648 647 646 645 644 643 642 641 640 639 638 637 636 635 634 633 632 631 630 629 628 627 626 625 624 623 622 621 620 619 618 617 616 615 614 613 612 611 610 609 608 607 606 605 604 603 602 601 600 599 598 597 596 595 594 593 592 591 590 589 588 587 586 585 584 583 582 581 580 579 578 577 576 575 574 573 572 571 570 569 568 567 566 565 564 563 562 561 560 559 558 557 556 555 554 553 552 551 550 549 548 547 546 545 544 543 542 541 540 539 538 537 536 535 534 533 532 531 530 529 528 527 526 525 524 523 522 521 520 519 518 517 516 515 514 513 512 511 510 509 508 507 506 505 504 503 502 501 500 499 498 497 496 495 494 493 492 491 490 489 488 487 486 485 484 483 482 481 480 479 478 477 476 475 474 473 472 471 470 469 468 467 466 465 464 463 462 461 460 459 458 457 456 455 454 453 452 451 450 449 448 447 446 445 444 443 442 441 440 439 438 437 436 435 434 433 432 431 430 429 428 427 426 425 424 423 422 421 420 419 418 417 416 415 414 413 412 411 410 409 408 407 406 405 404 403 402 401 400 399 398 397 396 395 394 393 392 391 390 389 388 387 386 385 384 383 382 381 380 379 378 377 376 375 374 373 372 371 370 369 368 367 366 365 364 363 362 361 360 359 358 357 356 355 354 353 352 351 350 349 348 347 346 345 344 343 342 341 340 339 338 337 336 335 334 333 332 331 330 329 328 327 326 325 324 323 322 321 320 319 318 317 316 315 314 313 312 311 310 309 308 307 306 305 304 303 302 301 300 299 298 297 296 295 294 293 292 291 290 289 288 287 286 285 284 283 282 281 280 279 278 277 276 275 274 273 272 271 270 269 268 267 266 265 264 263 262 261 260 259 258 257 256 255 254 253 252 251 250 249 248 247 246 245 244 243 242 241 240 239 238 237 236 235 234 233 232 231 230 229 228 227 226 225 224 223 222 221 220 219 218 217 216 215 214 213 212 211 210 209 208 207 206 205 204 203 202 201 200 199 198 197 196 195 194 193 192 191 190 189 188 187 186 185 184 183 182 181 180 179 178 177 176 175 174 173 172 171 170 169 168 167 166 165 164 163 162 161 160 159 158 157 156 155 154 153 152 151 150 149 148 147 146 145 144 143 142 141 140 139 138 137 136 135 134 133 132 131 130 129 128 127 126 125 124 123 122 121 120 119 118 117 116 115 114 113 112 111 110 109 108 107 106 105 104 103 102 101 100 99 98 97 96 95 94 93 92 91 90 89 88 87 86 85 84 83 82 81 80 79 78 77 76 75 74 73 72 71 70 69 68 67 66 65 64 63 62 61 60 59 58 57 56 55 54 53 52 51 50 49 48 47 46 45 44 43 42 41 40 39 38 37 36 35 34 33 32 31 30 29 28 27 26 25 24 23 22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 0

### **Livros**

Fazendinha (2005)  
O livro de Marta (2011)  
Antônio Sales (2017)  
Literatura Cearense: outra história (2018)  
A Nação vai à Província: do romantismo ao modernismo no Ceará (2018)  
Oratório de Santa Luzia (2018)

### **Cordéis**

Aracne: uma aranha bordadeira (2006)  
A saga de Cego Aderaldo (2021)  
Entrevista com Fausto Nilo (2021)

Drigo

0